# prezada editora,

mulheres no mercado editorial brasileiro

Prezada Editora_MIOLO_final.indd 1 04/07/2021 19:24:50

Prezada Editora_MIOLO_final.indd 2 04/07/2021 19:24:50

ANA ELISA RIBEIRO
MARIA DO ROSÁRIO A. PEREIRA
RENATA MOREIRA
(Orgs.)

# prezada editora,

## mulheres no mercado editorial brasileiro

MOINHOS
contafios

Prezada Editora_MIOLO_final.indd 3 04/07/2021 19:24:50

**As mulheres perdidas**

*Lucille Clifton* (trad. Lubi Prates)

eu preciso saber os nomes
daquelas mulheres com quem eu teria caminhado
alegremente como fazem os homens em grupo
balançando os braços, e daquelas mulheres
suadas com quem eu teria me juntado
depois de uma partida difícil para jogar conversa fora.
do que teríamos chamado umas às outras rindo
brincando na nossa cerveja? onde está minha gangue,
meu time, minhas irmãs extraviadas?
todas as mulheres que poderiam ter me conhecido,
onde nesse mundo estão seus nomes?

Prezada Editora_MIOLO_final.indd 5 04/07/2021 19:24:50

Prezada Editora_MIOLO_final.indd 6 04/07/2021 19:24:50

# Sumário

Apresentação, **9**
*Ana Elisa Ribeiro, Maria do Rosário A. Pereira e Renata Moreira*

Lina Tâmega, uma editora no exercício da poesia, **13**
*Angela Maria Rodrigues Laguardia*

Rose Marie Muraro, a mulher impossível, e a editora Rosa dos Tempos, **39**
*Luana Luchesi*

Querida editora, O protagonismo de três mulheres na Corrupio, **69**
*Gabriela Costa Limão*

Mazza Edições e Maria Mazarello: histórias indissociáveis, **93**
*Letícia Santana Gomes*

Zahidé Muzart e Editora Mulheres: resgate de escritoras e formação de uma crítica feminista no Brasil, **121**
*Maria do Rosário A. Pereira*

Sandra Espilotro (Globo Livros) e o "matriarcado" da década de 1990 no mercado editorial brasileiro, **151**
*Ana Elisa Ribeiro*

Rejane Dias, uma autêntica editora, **171**
*Renata Moreira*

Autoras, **195**

Prezada Editora_MIOLO_final.indd 8 04/07/2021 19:24:50

# APRESENTAÇÃO

Antes mesmo de nascer, este livro já tem uma história. Ele é resultado de pesquisas de sete investigadoras brasileiras sobre nove mulheres editoras que atuaram e/ou atuam no mercado editorial do país, com enorme relevância e importância, nem sempre com a devida visibilidade, se não de seu incansável trabalho, ao menos da narrativa sobre elas e seus catálogos.

Este volume também resulta das atividades de um grupo de estudos sediado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), o Mulheres na Edição, coordenado por nós três, cuja motivação institucional foi a aprovação de um projeto de pesquisa sobre mulheres editoras no edital universal da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig, APQ-0002118). Com tantos estímulos diferentes, considerando nossa curiosidade de pesquisadoras e das tarefas infinitas de professoras de graduação e pós-graduação em Letras, era nosso plano, além de publicar trabalhos solo ou coescritos, com colegas de dentro e de fora da instituição, em revistas e anais de eventos, produzir um livro, objeto que dá outro tipo de circulação às nossas ideias e resultados de investigações. É de destacar também a possibilidade de fazer parte da coleção Pensar Edição, que vem sendo conduzida há alguns anos com a intenção firme de compor um catálogo relevante para os estudos da edição no Brasil e fora dele. O diálogo com a América Latina e além é evidente nos livros já publicados e se mantém aqui, neste volume que se nutre do diálogo com pesquisas de colegas em vários países, tais como Colômbia, Argentina, Uruguai, Chile, México, Espanha, entre outros.



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 9 04/07/2021 19:24:50

O título, *Prezada editora* é inspirado no trabalho da colega Gabriela Limão, que nos dá a alegria de fazer parte deste volume com um texto mais que necessário sobre Arlete Soares, Aparecida Nóbrega e Rina Angulo, editoras da Corrupio, casa fundada em Salvador, Bahia, no final dos anos 1970, e que encerrou atividades durante a pandemia da Covid-19, em 2020. Compõem também o volume seis capítulos que se debruçam sobre importantes editoras da recente história do livro no Brasil. São elas: Lina Tâmega Peixoto, Rose Marie Muraro, Maria Mazarello Rodrigues, Zahidé Lupinacci Muzart, Sandra Espilotro e Rejane Dias – mulheres que, com sua atuação no mundo do livro, fazem perceber que a edição, quando vista sob a perspectiva de gênero, tem outra feição, invisível quando vista de uma perspectiva pretensamente universalizante.

Em "Lina Tâmega, uma editora no exercício da poesia", Angela Maria Rodrigues Laguardia trata dessa editora mineira nascida na primeira metade do século XX na literária cidade de Cataguases. Tâmega editou, juntamente com Francisco Marcelo Cabral, o periódico *Meia-Pataca*, que pôs Cataguases, já notória pela movimentação modernista em torno da revista *Verde*, novamente em cena. O capítulo nos permite, então, acompanhar as atividades de Lina Tâmega como poeta e editora.

Luanna Luchesi, por sua vez, é a responsável por nos trazer a prática editorial de Rose Marie Muraro em "Rose Marie Muraro, a mulher impossível, e a editora Rosa dos Tempos". Para Luchesi, a trajetória editorial de Muraro é um dos aspectos menos explorados de sua biografia. Ainda assim, a editora foi responsável por mais de 1600 títulos em sua carreira. A práxis feminista – para falar com Simó-Comas (2019), em nossa bibliografia – esteve representada tanto em sua escrita autoral, como no catálogo da editora Rosa dos Tempos, sob seu comando.

Em "Querida editora, – O protagonismo de três mulheres na Corrupio", Gabriela Costa Limão apresenta-nos Arlete Soares,



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 10 04/07/2021 19:24:50

Aparecida Nóbrega e Rina Angulo, as editoras da soteropolitana Corrupio. A casa editorial, que recentemente fechou suas portas, foi responsável por publicar Pierre Verger no Brasil. A partir daí, foram mais de quarenta anos atuando "fora do eixo". Já Letícia Santana Gomes dedica-se à biografia e às práticas editoriais de Maria Mazarello, mais conhecida como Mazza, em "Mazza Edições e Maria Mazarello: histórias indissociáveis". Para Santana Gomes, é impossível separar a história de Mazza da constituição de sua editora, desde a sua nomeação até os propósitos que a mantiveram de pé. Mazza é uma das primeiras casas editoriais a se debruçar detidamente sobre a pauta racial, lançando um catálogo fortemente voltado à temática negra.

Em "Zahidé Muzart e Editora Mulheres: resgate de escritoras e formação de uma crítica feminista no Brasil", Maria do Rosário A. Pereira avalia o impacto da Editora Mulheres na constituição de um catálogo que contribuiu fortemente para a recuperação histórica de algumas escritoras, bem como, por meio de ensaios de especialistas em várias áreas do conhecimento, para a formação de uma crítica feminista em nosso país, como anunciado no título. Apesar de tal importância, a trajetória de Muzart é ainda pouco contada, motivo que leva Pereira a apontar tal ausência na história da edição nacional. Ana Elisa Ribeiro, por seu turno, inicia por problematizar questões de gênero no mundo editorial para, em seguida, contar-nos a trajetória de Sandra Espilotro na Globo Livros em "Sandra Espilotro (Globo Livros) e o 'matriarcado' da década de 1990 no mercado editorial brasileiro". A atuação da editora em uma grande casa é fundamental para percebermos as dificuldades das mulheres, ainda hoje, para ocupar certos postos no mundo da edição, mas também nos dá noção do imenso trabalho que as mulheres vêm fazendo nesse campo, assim como quantas elas são e a força que têm ao atuar.

Por fim, Renata Moreira apresenta a trajetória da mineira Rejane Dias em "Rejane Dias, uma autêntica editora". No texto,



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 11 04/07/2021 19:24:50

Moreira discute as práticas assumidas por Dias no estabelecimento de uma editora – Autêntica – tornada grupo editorial. Discutem-se as diversas editoras que integram tal grupo, as quais demonstram a perspicácia de Dias ao buscar feições plurais de livros para públicos distintos.

Tais textos colocam-se como uma introdução à diversidade de mulheres atuantes no mundo editorial. São sete capítulos, mas poderíamos reunir muito mais, o dobro, o triplo. O crescente impacto das políticas feministas nas mais diversas áreas do conhecimento no século XXI trouxe o recrudescimento da participação de mulheres na área editorial, as quais, ao atuarem de modo cada vez mais efetivo no setor, idealizam projetos e fazem livros sobre uma diversidade de assuntos. Para que se chegasse a esse cenário, muitas mulheres tiveram de abrir caminho de modo anônimo. Nosso papel como pesquisadoras, assim, é dar alguma visibilidade às mulheres de hoje, iluminando suas precursoras de sempre.

Esperamos que este livro possa despertar o interesse de mais pesquisadoras e pesquisadores sobre o tema, de modo que se amplie cada vez mais o campo editorial, tarefa que se configura não somente como necessária, mas premente.

*Ana Elisa Ribeiro*
*Maria do Rosário A. Pereira*
*Renata Moreira*



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 12 04/07/2021 19:24:50

## Lina Tâmega, uma editora no exercício da poesia

*Angela Maria Rodrigues Laguardia*

*O coração tem uma ordem que é elemento essencial à medida humana – a grandeza da amizade, da doçura e da admiração. Quando ordeno e sedimento as coisas da delicadeza, vocês se tornam infinitamente maiores do que elas.*

Lina Tâmega Peixoto, 2005

Lina Tâmega Peixoto Del Peloso nasceu em 5 de junho de 1931 e nos deixou, recentemente, em 1º de setembro de 2020, aos 89 anos. Poeta, professora universitária, crítica literária e pesquisadora, Lina Tâmega Peixoto, como assinava na maioria de seus livros, nasceu em Cataguases, Minas Gerais, cidade representativa do moderno, como tão bem aludiu o escritor e crítico literário Ronaldo Werneck.

Filho de Cataguases, Ronaldo Werneck dedicou à cidade uma edição especial do *Suplemento Literário de Minas Gerais*, intitulado "A modernidade perene de Cataguases", em novembro de 2013. A coletânea de artigos do *Suplemento Literário* é assinada por nomes que têm em comum Cataguases como cidade natal e a cumplicidade das letras e da arte. Por meio da leitura de seus textos, temos um instigante itinerário da história da Literatura, da Arte e da Arquitetura da cidade e de sua modernidade.

E vamos encontrar entre esses artigos "O aprendizado dos sentidos na construção poética deságua nas mãos de Francisco Inácio Peixoto", de Lina Tâmega. Nele, a autora descreve seu percurso poético, entrelaçando prosa e poesia, distribuídos em subtítulos: "Primeiro, Segundo e Terceiro Prefácio, e Escritura". Neste último, "Escritura", "quando a poesia se fez um campo",



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 13 04/07/2021 19:24:50

segundo Lina Tâmega, evoca Francisco Inácio Peixoto, seu tio, primeiro leitor e crítico:

> Devo a Francisco Inácio Peixoto meu aprendizado primeiro na construção do poema e no amadurecer as algemas da realidade. À noite, era para sua casa que me dirigia, tremendo o poema na mão, pensando se haveria um peso excessivo nos versos, mesmo que fosse o de palha ou de nuvem (Peixoto, 2013, p. 20).

Lina Tâmega finaliza seu relato agradecendo a Francisco Inácio Peixoto por ter-lhe "[...] ensinado a transformar as formas nebulosas de minha expressão poética em nítidas estrelas" (Peixoto, 2013, p. 20).

Francisco Inácio Peixoto foi um dos precursores do Modernismo em Cataguases e teve outros feitos ligados a esse conceito, tendo sido responsável por uma nova arquitetura que iria diferenciar esta cidade mineira, onde "[...] Oscar Niemeyer e discípulos desenharam uma espécie de rascunho do que seria mais tarde Brasília" (Rufatto, 2003, p. 4).

Cataguases, no interior de Minas Gerais, em plena década de 1920, protagonizaria outro feito em sua história com o lançamento de uma revista literária, a *Verde*, veículo de expressão e difusão de novas ideias vanguardistas. E Francisco Inácio Peixoto era seu articulista e um dos integrantes do "Grupo Verde", formado por nove rapazes entre 17 e 28 anos, entre eles, Henrique de Resende Ascânio Lopes, Guilhermino César e Rosário Fusco.

O grupo, iniciado nos bancos do Ginásio de Cataguases, frequentava as reuniões do Grêmio Literário Machado de Assis e as concorridas sessões de cinema nos fins de semana. Segundo Ivan Marques, "[...] a cidade foi um dos berços do cinema nacional, local onde Humberto Mauro, amigo dos verdes, realizou seus primeiros experimentos" (Marques, 2013, p. 70).



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 14 04/07/2021 19:24:50

Lançada em setembro de 1927, com o arrojo de seus integrantes, a *Verde* contou, desde o segundo número, com a colaboração de Mário de Andrade, uma espécie de "guia espiritual" que auxiliava com textos, sugestões, comentários, arranjo de colaborações e até ajuda financeira, como alude Marques. Ele ainda publicaria, em novembro de 1927, "[...] um fragmento inédito de *Macunaíma*, que só viria a público dali a oito meses" (Marques, 2013, p. 76). A revista, que em seu primeiro número reunia apenas escritores mineiros, passaria a receber colaborações de todos os lados, desde o protagonismo do poeta Rosário Fusco e seu contato inicial com Mário de Andrade, Alcântara Machado e Oswald de Andrade. E assim, nos finais de 1927, "[...] o modernismo se transferiu em peso para Cataguases" (Marques, 2013, p. 70.)

Em dezembro desse mesmo ano, no exemplar número 4, o poema "Homenagem", com subtítulo de "Aos Homens que Agem", teve a assinatura de "Poema de MARIOSWALD", do qual extraímos as duas primeiras estrofes, que poderá ilustrar essa centralização histórica do Modernismo na cidade de Cataguases:

> Tarsila já não pinta mais
> Com verde Paris
> Pinta com Verde
> Cataguazes
>
> Os Andrades
> Não escrevem mais
> Com terra roxa
> NÃO!
> Escrevem
> Com tinta Verde
> Cataguazes
>
> [...]
>
> (*Verde*, 1927, on-line)



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 15 04/07/2021 19:24:50

Entre os nomes que participaram das publicações de *Verde*, podemos citar Oswald de Andrade, Alcântara Machado, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Marques Rebelo e muitos que omitimos aqui.

Página do primeiro número da Revista Literária *Meia-Pataca*, publicada em 17 de julho de 1948



ANO UM — NÚMERO UM

# meia-pataca

Cataguases, 17 de julho de 1948 — Minas Gerais — Brasil

## PRIMEIRO NÚMERO

*Apresentar-nos como Fulanô de Tal, tantas idades, tantas esperanças, seria inútil e inexpressivo e nada de nós diria. A apresentação está aqui dentro destas páginas, bem ou mal escritas, não importa; o que for de indeciso será por culpa da nossa pouca idade e da inexperiência também.*

*Esta revista continuará ligando o fio interrompido há 20 anos, a tradição que Cataguases carrega consigo, nascida pelos rapazes de então, da Verde. Firmar-nos-emos, não nos mesmos moldes, mas no mesmo espírito que os animou, porque reconhecemos que a nossa própria divulgação é pobre e vacilante, como pobre e vacilante era o material da Verde. Porém esperamos que mais tarde possamos realizar coisas mais concisas e firmes. Seu nome provém do pequeno córrego que passa atrás da cidade como um abraço, e que foi o primitivo nome de Cataguases. Os pioneiros acharam, nas águas barrentas, meia-pataca de ouro, e foi só o que encontraram para o resto da vida.*

*Francisco Inácio Peixoto num poema publicado em 1928, no livro "Meia-Pataca" diz tudo isso muito bem.*

*De primeiro o lugar se chamava*
*Arroial do Meia-Pataca*
*Por causa de terem achado*
*Num córguinho que por aqui passava*
*Meia-Pataca de ouro.*

*Também nunca qué acharam mais nada...*

*Imagino Cataguases*
*O que seria de você hoje*
*Si em vez só de meia-pataca*
*Tivesse mais ouro noquele córguinho...*

*O nosso maior desejo contudo, é que estas páginas exprimam ezatamente os nossos sentimentos, às vêzes confusos, e as aspirações de um sangue novo.*

*Confiamos no tempo e naqueles que nos guiam, para nos conduzir a terreno mais sólido, porque há agora maior confusão e mais sobressaltos para o que principia, do que há tempos atrás. Época de realizações instáveis, mudanças perigosas. Teremos assim de confiar também em nós próprios, nos nossos ideais, permanecendo fiéis às próprias convicções.*

*Fazemos um apêlo a todos aquêles que simpatizem conosco, que corram paralelamente nestas colunas, colaborando ao nosso lado, principalmente nossos companheiros de geração.*

*Esta revista receberá com agrado tôdas as colaborações justas, tanto do lado de lá do Atlântico, como as do nosso pequeno rio.*

*Seu nascimento depende em grande parte da ajuda sincera e da orientação dos escritores Marques Rebêlo, Rosário Fusco e Francisco Inácio Peixoto, verdadeiros amigos, sem os quais nos sentiríamos fracos e não saberíamos como começar. Alíás Marques Rebêlo é um grande interessado pelas coisas cataguasenses e um grande camarada nosso.*

*Temos confiança neles e a amizade para esta aventura, para uma outra mais tarde e para o que possa surgir no futuro.*

Fonte: HEMEROTECA HISTÓRICA. Compõe as Coleções Especiais da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais. Disponível em: <http://hemerotecahistoricamg.blogspot.com/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

Anos depois, em 17 de julho de 1948, Cataguases é novamente contemplada com outra publicação, por iniciativa de Lina Tâmega, que edita uma revista literária[1] intitulada *Meia-Pataca*,

[1] De acordo com Ana Elisa Ribeiro e Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves, no texto "Mulheres em Revistas Literárias de Minas Gerais", em que fazem um



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 16 04/07/2021 19:24:50

com o poeta Francisco Marcelo Cabral. Na apresentação do primeiro número do periódico, lemos:

> Esta revista continuará ligando o fio interrompido há 20 anos, a tradição que Cataguases carrega consigo, nascida pelos rapazes de então, da *Verde* [...] seu nome provém de um pequeno córrego que passa atrás da cidade como um abraço, e que foi o primitivo nome de Cataguases (*Meia-Pataca*, 1948, on-line).

No decorrer dessas palavras, ela cita o poema publicado por Francisco Inácio Peixoto, em 1928, em seu livro homônimo *Meia-Pataca*, que com seus versos ilustra a origem do nome, assim como justifica a escolha: "De primeiro o lugar se chamava/ Arraial do Meia-Pataca/ Por causa de terem achado/ Num córguinho que por aqui passava/ Meia-Pataca de ouro/" (*Meia-Pataca*, 1948, on-line).

Francisco Marcelo Cabral, seu parceiro nessa aventura literária, atribui a Lina Tâmega a liderança na elaboração da revista, em artigo intitulado "Meia-Pataca – quem se lembra/", publicado no mesmo *Suplemento Literário de Minas Gerais*:

> [...] foi uma bela revista, impressa em papel couché, que serviu de berço a dois poetas: Lina Tâmega Peixoto e eu, nesta ordem de importância [...] Sem metáforas: *Meia-Pataca* inteira foi obra da Lina. Edição, diagramação (com umas dicas do Rosário Fusco), secretaria, redação de sueltos e resenhas, enfim, ela estava em todas. Eu fui o bói da redação e fiz algumas resenhas por ordem dela. À nossa volta, torcendo para que déssemos certo: Marques Rebelo e Fusco [...] (Cabral, 2013, p. 21).

profundo resgate sobre o tema incluindo as publicações dos anos 40, "[...] trata-se da primeira revista literária mineira, dentro do nosso recorte temporal, a contar com uma mulher não somente como colaboradora, mas como diretora: a poeta Lina Tâmega" (Ribeiro; Gonçalves, 2019, p. 122-123).



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 17 04/07/2021 19:24:50

Segundo ainda Francisco Cabral, "O ninho de *Meia-Pataca* foi a casa de Francisco Inácio Peixoto; melhor dizendo, o seu 'salão' (Ibidem), onde conviviam Marques Rebelo, João Cabral de Melo Neto, Walter Benevides e Cecília Meireles, para citar alguns". E completa: "As duas figurinhas de jovens poetas – Lina e eu – vamos reconhecer: talentosos ou, pelo menos, promissores – despertaram a solidariedade desse grupo de intelectuais que andava pela casa dos 40 ou 50 anos, talvez menos (Cabral, 2013, p. 21).

Foi a partir de sua atuação na revista que Lina Tâmega, de tradição familiar e poética ligada ao Modernismo mineiro, manteve contato com muitos escritores; entretanto, a elaboração do segundo número da publicação sublinharia um fato importante de sua vida e de seu percurso poético – o início de sua amizade e convivência com a poeta Cecília Meireles.

Este "encontro" foi relatado em *Prefácio de vida*, de 2010, obra que destacaremos neste ensaio, mas antes faremos um breve resgate de sua trajetória iniciada em Cataguases.

Lina Tâmega[2] fez o curso médio no Colégio Cataguases e, após atuar na revista no período compreendido entre 1948 e 1949, lançou seu primeiro livro de poemas, *Algum dia*, em 1953, e *Entretempo*, em 1983. Nesse intervalo de 30 anos entre as duas publicações, muitos acontecimentos e conquistas literárias marcaram seu percurso. Iniciou o curso de Letras Clássicas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, transferiu-se para Brasília, em 1958, quando participou, com o marido arquiteto, José Francisco Del Peloso, com quem teve o filho Marcelo, da construção da nova capital federal[3].

[2] A poeta pertenceu à Academia de Letras do Brasil e ao PEN Clube do Brasil (RJ).

[3] No artigo "Candangas: mulheres que inventaram Brasília, que foi inventada por homens", de Conceição Freitas, temos uma referência a Lina Tâmega Peixoto e a esse período em que ela participa da fundação de Brasília. Disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/candangas-mulheres-que-inventaram-brasilia-que-foi-inventada-por-homens>.



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 18 04/07/2021 19:24:50

Em 1960, com um grupo de professores, ajudou a implantar o ensino oficial na capital do país, lecionou na Fundação Educacional do Distrito Federal e na Universidade de Brasília, onde ministrou as disciplinas de Língua Portuguesa, Teoria Literária e Oficina Literária, curso sob a coordenação de Cyro dos Anjos. Em 1963, juntou-se a outros escritores para fundar a ANE – Associação Nacional de Escritores de Brasília. Como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, Lina Tâmega realizou pesquisas sobre o lirismo peninsular e redigiu vários artigos sobre Cecília Meireles, entre os quais podemos destacar "A imagem da estrela na poesia de Cecília Meireles", publicado inicialmente em *Colóquio*, em Lisboa. Atualmente, ele faz parte da "Bibliografia crítica e comentada de Cecília Meireles", na obra completa da autora, organizada pelo escritor e acadêmico Antonio Carlos Secchin.

Deste percurso, ainda podemos citar a sua participação na Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, no extinto Instituto Nacional do Livro – INL e no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico – IPHAN, locais onde implementou projetos culturais e literários.

Lina Tâmega publicou mais sete livros depois de *Entretempo* (1983), começando por *Dialeto do corpo*[4] (2005), em que a saudade de Cataguases é confissão poética no poema "em mutação": "Moro dentro e ao lado de Brasília/ e não amadureço muito esta cidade/ Faltam-me as montanhas/ incrustadas na paisagem,/alto-relevo de meu horizonte./" (Peixoto, 2005, p. 44). Na orelha da edição, Joaquim Branco, poeta, escritor, jornalista e crítico literário, que também participa do *Suplemento Literário* já citado, escreveria:

> Esta terceira obra continua e aperfeiçoa uma trajetória marcada por um natural refinamento da linguagem. De sua

[4] *Dialetos do corpo* recebeu o "Prêmio Lúcia Aizim" pela União Brasileira de Escritores – UBE - RJ.



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 19 04/07/2021 19:24:50

> 'varanda' literária, situada às vezes em 'pretérito espaço', Lina Tâmega é a menina que 'borda palavras no papel', e vai 'percorrendo as constelações do mundo' que a 'entrelaça em ilhas do tempo'[5] (Peixoto, 2005).

O prefácio de *Dialetos do corpo*, que traz o título de "As tramas do poema", foi, significativamente e amorosamente, "imposto" ao escritor Francisco Marcelo Cabral, depois de um longo intervalo sem publicar; uma convocação de "ida sem volta", como ela nomeou. Francisco Cabral inicia seu texto com a transcrição de trechos da carta de Lina Tâmega e seu convite: "A escolha não teve atalhos, foi sempre em sua direção. Penso que este encontro na poesia busca um longo abraço no passado" (Peixoto, 2005, p. 13). A cumplicidade de outrora é assim avivada, mas não somente através de suas palavras, mas também na opinião de Francisco Cabral sobre a assinatura de *Dialetos do corpo:*

> Lina neste livro reassume sua primeira assinatura – com que surgiu na revista *Meia-Pataca*, 1948, e com que assinou seu primeiro livro, *Algum Dia* [...] Lina Tâmega Del Peloso lhe veio com o casamento e foi sua assinatura em *Entretempo* [...]. Sempre impliquei com essa mudança de assinatura – amorosa homenagem ao marido – e na verdade se me coubesse denominá-la "literariamente" seria mais radical, e lhe daria o "pseudo pseudônimo" de Lina Tâmega – que lhe acentuaria as marcas de sua ascendência portuguesa, e das muitas delicadas raízes sonoras e imagéticas com que a lira lusa comparece na sua 'fala' poética (Peixoto, 2005, p. 13).

[5] Com o título de "Uma cidade se despoetiza...", Joaquim Branco republicou o texto completo em sua página do facebook, em 2 de setembro de 2021, um dia após o falecimento da poeta, referindo-se a ela como: "[...] poeta maior de nosso município, das vozes mais afinadas da poesia brasileira [...]".



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 20 04/07/2021 19:24:50

Muitos poemas do livro trazem a ressonância de suas raízes portuguesas, de suas viagens às cidades de Portugal e das paisagens que ficaram retidas dentro de si e mesclam os sentimentos que são tecidos em versos, como nos poemas "canto para a cândida sardinha": "A roda de fiar/ que acoita a linha e a lã/ engendra a fronteira de Minas/ e uma ilha além-mar" (Peixoto, 2005, p. 86). E depois em "amarante":

> Entre dois pontos do mundo
> está Amarante.
> Arrasto-me no tempo,
> para que no talo da lembrança
> nasçam as águas do Tâmega.
> São ouro e espirais
> as ondulações do rio
> transformadas em adorno.
> Enxugo as lágrimas
> que correm do leite
> da minha tardia maternidade.
>
> [...]
>
> (Peixoto, 2005, p. 38)

*Dialetos do corpo* traz em "biografia" a inquietude metalinguística que emerge do âmago da poeta e interroga seu ser para desaguar no poema:

> Que traço do tempo
> se prende ao caule de minha palavra,
> dardo que vibra
> no arfar do coração frágil?
>
> O ar que se agita
> com a trêmula pergunta
> enclausura meu abraço
> em minerais murmúrios.



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 21 04/07/2021 19:24:50

Para buscar a imagem espessa,
a substância que me lanha o corpo,
o osso de cada palavra que canto
crispo a mentira do poema.

(Peixoto, 2005, p. 63)

Compartilhamos, aqui, as palavras da poeta na dedicatória da obra que se encontra em nossas mãos, pela importância e expressividade das mesmas: "À Angela, o dialeto do corpo e da alma".

Em 2007, ela publica *Água Polida*, e duas epígrafes antecipam seus poemas; a primeira traz os versos de Henriqueta Lisboa: "Além da Imagem: trama inefável/ para mudar contorno definido. / Ou não definido. Além da Imagem/ treme de ser lembrança o que era olvido. /". Na segunda, seus versos vão "além da imagem", se revestem de metáforas para refletir sobre a necessidade de expor a palavra:

Escrevo para refazer
E renovar
Em mim
O flanco aberto e exposto
da palavra

que se deita junto a outra.

(Peixoto, 2007)

O título da obra também se estende ao poema, "Água Polida" e traduz sua preocupação com a palavra em atenta purificação ou refinamento da mesma:

Com água polida lavo meus versos.
Engendro ruídos do acaso, labirintos de mitos,
geografia da carne, remendos da infância.
Se o poema se abandona,



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 22 04/07/2021 19:24:50

torto e sujo,
ao olhar que o estilhaça em sombra
apanho delicado e lavo seus ossos de anjo.
(Peixoto, 2007, p. 33)

Esse cuidado também está presente em "A difícil escrita": "Quando escrevo, deixo de fora/ o degrau das palavras/ (Peixoto, 2007, p. 50).

Os *50 poemas escolhidos pelo autor,* de 2008, reúne uma seleção de poemas de todas as obras da escritora, constituindo-se como importante panorama poético de seu trabalho, além de apresentar uma fonte de referência sobre a fortuna crítica da poeta. Em nota explicativa, o editor esclarece que essa publicação homenageia e retoma a ideia dos livros lançados com o mesmo título por José Simeão Leal, diretor dos "Cadernos de Cultura", e publicados pelo Serviço de Documentação do antigo Ministério da Educação e Cultura – MEC, a partir de 1950.

Em sequência, em 2010, Lina Tâmega publica *Os bichos da vó*[6], poemas que resultam, como ela alude em sua apresentação, das histórias que contava para a neta Mônica Corrêa Del Peloso, que também ilustra o livro.

E, posteriormente, temos *Prefácio de vida* (2010), obra significativa de seu universo poético. Nesse trabalho, escolhe e recomenda seu ensaio "Cecília Meireles – Estrela e Abismo" para ser lido como prefácio, não sem antes manifestar o motivo, a influência de sua convivência com Cecília Meireles na formação de sua linguagem poética. O prefácio é um relato, em prosa poética, que mescla a história da amizade entre as poetas e uma "suposta" conversa que Lina Tâmega dirige à Cecília Meireles, em forma de rememoração, em discurso indireto livre, com uma narrativa que alterna dois registros tipográficos diferentes.

[6] *Bichos da vó* obteve o "Prêmio Ligia Malaguti de literatura infantil em versos" pela União Brasileira de Escritores – UBE - RJ.



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 23 04/07/2021 19:24:50

O prefácio que emoldura os cinquenta e sete poemas da obra é uma lição em prosa metapoética, repleta de memórias recolhidas e desdobradas "pelo tempo", para que, segundo a autora, "[...] se agrupem para formar uma metáfora que represente parte de minha vida alinhada à história de Cecília Meireles" (Peixoto, 2010, p. 11).

A partir daí acompanhamos a descrição de um fazer poético, em imagens desenhadas à flor da pele que, segundo a autora, são convergidas para um plano de ressonâncias, "[...] modificado e decomposto da passagem pelo mundo da poesia – relações de descobertas do que é gesso e gaze na linguagem; o sonho e a vigília das imagens; o esforço do espírito e os músculos do pensamento na criação da obra literária" (Peixoto, 2010, p. 11).

Ela segue revelando as engrenagens de seu equilíbrio e amadurecimento estético, um árduo e disciplinado exercício, "[...] em meio a tombos, tropeços e arranhões em seus caminhos de descobertas" (Peixoto, 2010, p. 11). E pondera: "Tudo se reduz aqui, como uma respiração profunda do passado, ao desejo de reencontrar as vivências, afetivas, literárias [..]" (Peixoto, 2010, p. 11) e na tentativa de criação de uma linguagem "[...] que peregrine pelas circunstâncias e estados de natureza humana e onírica, afim de que possa distribuí-la nos vários instantes em que dependo da graça e do mistério de Cecília" (Peixoto, 2010, p. 11).

Lina Tâmega conta então que, incentivada pelo escritor Marques Rebelo, quando preparavam o segundo número da *Meia-Pataca*, na ambição de ver um poema de Cecília Meireles na revista literária "com infinita duração de beleza", telefona para a poeta. E recebe um convite para uma tarde de chá, e que depois muitos se sucederam, assim como os encontros, convites, palestras, conferências, homenagens, recepções a escritores e idas à sua casa, no Cosme velho, no Rio de Janeiro, onde "subia os cinquenta e cinco degraus". Quando, anos mais tarde, retorna à casa de Cecília, confessa: "[...] Não me reconheci nela e precisei arrumar uma arquitetura que me pusesse de pé" (Peixoto, 2010, p. 12).



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 24 04/07/2021 19:24:50

O tempo, a solidão e a noite trazem lembranças que habitam a memória de Lina. A imagem de Cecília e de suas palavras surgem em desvelados conselhos sobre a escrita, entremeados de flashes da memória que trazem a fisionomia tensa da poeta: "[...] Nunca soube o que que lhe travou os traços do rosto, mas compreendi a profundidade e os contornos da amargura" (Peixoto, 2010, p. 13).

E então, inicia sua "conversa" com Cecília no tom que só as amizades conhecem; explica que apesar de seguir os passos de sua poesia, eles não pisam nos mesmos lugares por onde ela andou. Apesar da imensurável admiração e paixão pela sua obra, em desdobrados trabalhos dedicados a ela, seguiu "outro atalho", fabricou outro labirinto "[...] e o fecundei de volúpia e ternura, onde me desconcerto e me fragmento, ainda que estranhamente ligada ao domínio de tuas harmonias e ritmos [...]" (Peixoto, 2010, p. 13).

Aprendiz de sua poesia, em sensíveis palavras, ela revela:

> Aprendi contigo a conhecer a matéria que fabrica o silêncio, a solidão como dádiva, as lições de exultar a vida e saber a morte. Enquanto me ensinaste sobre o domínio da linguagem que solidifica a emoção em forma que bebem húmus e a sombra da palavra! (Peixoto, 2010, p. 13).

Na simulação desta conversa, a preocupação de Cecília sobre o percurso amoroso de Lina também tem seu lugar, e traz os recados das dedicatórias dos postais enviados à Lina, para depois ser interrompida quando a narradora "solta as mãos" da poeta para retornar à "precisão da terra".

E volta às circunstâncias da amizade que as uniram, às visitas de Cecília à sua terra natal, Cataguases, em 1951 e 1956. A primeira vez foi na fase de pesquisa para a "feitura do *Romanceiro da inconfidência*", publicado em 1953, e a segunda, a convite



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 25 04/07/2021 19:24:50

do Grêmio Literário Machado de Assis (GLMA), órgão daquele colégio. Nessa época, Cecília ganha de presente um abajur que Lina havia feito e pelo qual se encantara. E deste fato, surgiu o poema "Abajur de Lina", enviado por carta, com uma frase que, segundo Lina, atinge o mais solar canto de sua alma: "Não me esqueça completamente, e realiza todas as coisas belas de que é capaz" (Peixoto, 2010, p. 15). O poema foi publicado em seu livro Água polida, de 2007, junto com outro poema, "Abajur de Cecília Meireles", escrito em resposta "tardia".

Na última parte do prefácio, Lina retorna à presença de Cecília e responde a frase que acompanhou o poema "Abajur de Lina", assegurando que tenta realizar "as belas coisas", e que sua vida e seu sonho são intensificados com lembrança de Cecília. E tal como a luz que irradia deste objeto, a memória ilumina as frases sobre o legado de seu aprendizado com a poeta até desaguar em comovida constatação sobre a poesia: "[...] que nos une e nos divide e que nos obriga a compartilhar do mesmo abismo e estrela" (Peixoto, 2010, p. 15).

A despedida de Cecília encerra "a conversa" em que emergem as tristes recordações do último encontro entre as duas, quando Cecília, nas palavras de Lina, "[...] ia sendo levada pelos deuses" (Peixoto, 2010, p. 16). E ela foi encontrá-la em doída ironia, "Numa tarde de sol enorme" na cama do hospital. Na força de seu desamparo, abraçou a poeta, cujos olhos verdes, descreve ela, "[...] projetavam no universo a perfeição de teu espírito e a mística claridade" (Peixoto, 2010, p. 16). Cecília pede para ser levada para casa, ao que Lina responde afirmativamente, dizendo que "[...] a subida seria fácil até seu quarto, pois cada degrau seria como um verso que, juntas recitaríamos [...] (Peixoto, 2010, p. 16). E finaliza, contando que o texto é da autoria de ambas, misturando os nomes em um só, "[...] no título que vai servindo de sol e sombra e, ao terminar, agora, são anseios de despedida" (Peixoto, 2010, p. 16).



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 26 04/07/2021 19:24:50

O poema inaugural de *Prefácio de vida* também tem título homônimo. O eu-lírico ignora a tristeza para invocar o tempo e a memória: "Distendo as alianças do tempo"; "Os brilhos da memória debruçam-se/ nos peitoris das velhas janelas/"; "A infância vai-se escasseando/ e amarro as bordas de meus treze anos/." (Peixoto, 2010, p. 17). As imagens metafóricas são construídas pelas lembranças em extrema sensibilidade: "No quintal, lençóis secam o destino/ bordado num simples ponto atrás/" (Peixoto, 2010, p. 17) ou em aliterações: "As linhas de linho que dela se desprendem/" (Peixoto, 2010, p. 18). A última estrofe reúne o tesouro do eu-lírico, pedaços de sua história guardados na memória, simbolizados pelas caixas e gavetas: "Minhas descuidadas, ternas e amargas coisas/ guardadas em caixas e gavetas/ criam minha riqueza/ minha língua/ meu espírito/ minha vontade/ minha poética:/ o prefácio de vida." (Peixoto, 2010, p. 18).

Na impossibilidade de analisar todos os poemas, selecionamos mais três que recebem o mesmo título, "Motivo", e foram enumerados como "Motivo XIV", "Motivo XV" e "Motivo XVI". Significativamente, as obras anteriores da poeta também trouxeram o mesmo título e sua sequência. E, lembramos aqui, que o mesmo título, "Motivo", nomeia um dos poemas de Cecília Meireles que faz parte de seu livro *Viagem* (1939); dele, selecionamos a primeira estrofe: " Eu canto porque o instante existe/ e minha vida está completa. / Não sou alegre e nem triste;/ sou poeta/" (Meireles, 2001, p. 227).

Se no poema de Cecília Meireles o eu-lírico está centrando no momento presente, nos "Motivos" de Lina Tâmega, o eu-lírico se divide entre o passado e o presente na figura da "menina". Como nos versos do "Motivo XIV", por exemplo:

> Dizem que me enfeitasse
> para não ser tão menina.
> Que aparência apressaria a idade moça



Prezada Editora_MIOLO_final.indd 27 04/07/2021 19:24:50